

V Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica

23 a 25 de julho de 2017

**GT11 – O PIBID E A FORMAÇÃO DOCENTE EM CIÊNCIAS SOCIAIS:
LIMITES E POSSIBILIDADES**

**O PIBID E O LUGAR DA DOCÊNCIA NA CARREIRA DOS LICENCIANDOS
DA UFPE E UPE**

Jasmin Guimarães dos Santos Amorim - Estudante de Ciências Sociais/Bacharelado – UFPE e bolsista PIBIC da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj);
jasmingsa@gmail.com;

Túlio Augusto Velho Barreto de Araújo - Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco - FUNDAJ;
tulio@fundaj.gov.br

Recife, 2017

RESUMO:

O trabalho analisa as percepções de diferentes grupos de estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Sociais sobre o Pibid (Programa Institucional de Iniciação a Docência) e o Estágio Supervisionado da UFPE E UPE, bem como, suas aspirações profissionais. O objetivo é compreender o lugar reservado à docência da disciplina de Sociologia no Ensino Médio em seus projetos pessoais. A metodologia utilizada foi qualitativa, baseada em entrevistas semiestruturadas com atores envolvidos com a formação docente. Foram entrevistados, da UFPE, duas professoras e 10 licenciandos do Pibid, de um total de 30 e, a totalidade de pibidianos da UPE (10). O arcabouço teórico da pesquisa se refere à formação do docente, perpassando autores como: Handfas (2012), Neves e Melo (2012), Gonçalves e Lima Filho (2014) e, Tardif (2014). Levo em consideração a percepção dos impactos do atual contexto sócio-político do país com a instituição da Lei 13.415/2017. Os resultados revelam que, na percepção dos entrevistados, é identificada uma lacuna entre teoria e prática, no ensino de Sociologia, que o Pibid parece preencher, atendendo aos objetivos postos na legislação que o criou. Demonstra também que o Pibid reforçou a intenção, para quem já a tinha, e a despertou, para quem entrou na Licenciatura sem essa certeza de ser professor. Outro achado importante da pesquisa foi a vontade manifesta da maioria dos pibidianos de lecionar em escola pública a partir das experiências propiciadas pelo Programa.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia; PIBID; Formação docente;

1. INTRODUÇÃO

As atividades desta pesquisa possuem importante e direta relação com os pressupostos e objetivos do projeto de pesquisa O Licenciado em Ciências Sociais e sua Atuação Profissional no Nordeste, sob a coordenação do pesquisador Wilson Fusco, da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). Dialogando com esse projeto, a presente pesquisa analisou as percepções e o lugar reservado à docência da disciplina de Sociologia no ensino médio em projetos pessoais de diferentes grupos de estudantes do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, selecionados entre os que cumprem – ou já cumpriram –

atividades no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) como também professoras em função de coordenação das universidades. Assim, o material resultante certamente, enriquecerá as análises permitindo conhecer em mais profundidade aqueles que se encontram ainda em uma importante etapa da formação desses profissionais, ou seja, antes de ingressarem como docentes no Ensino Médio. O arcabouço teórico da pesquisa se refere à formação do docente de Sociologia para o Ensino Médio. Ressalte-se que a falta de articulação entre teoria e prática é um problema apontado, desde os primeiros cursos de graduação de Sociologia implantados no País, por autores como Handfas (2012). E que a disciplina de Estágio Supervisionado, responsável por permitir uma prática pedagógica em sala de aula, não tem dado conta das necessidades de formação dos licenciandos, como visto por Neves e Melo (2012). Aqui, o Pibid foi analisado à luz das entrevistas realizadas e de pesquisas recentes, como as de Gonçalves e Lima Filho (2014), em consonância com as reflexões trazidas por Tardif (2014) acerca do “professor de profissão”, ou seja, o professor como sujeito do conhecimento a ser repassado para os licenciandos.

Atualmente, as licenciaturas em Ciências Sociais procuram garantir um espaço de formação específico, com componentes curriculares também específicos, configurando um campo profissional delimitado: o de professor de Sociologia no ensino médio. Tal formação passou a ser requerida para o acesso a um espaço profissional docente em expansão, após a obrigatoriedade da introdução da disciplina de Sociologia na grade curricular do ensino médio, o que ocorreu em 2008, com a aprovação da Lei Nº 11.684/08, porém atualmente se encontra em ameaça, uma vez que com a Medida Provisória 746/16 agora Lei 13.415/2017, há uma abertura para a retirada da Sociologia da carga horária obrigatória, aspecto que ficou para ser decidido na Base Nacional Curricular Comum (BNCC), como também espaço para contratação de professores sem licença ou formação na área de atuação.

De acordo com as informações sobre o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) 2011, no Brasil, existiam 85 instituições, públicas e particulares, que ofereciam a graduação em Ciências Sociais. Dessas, 33 tinham tanto licenciatura quanto bacharelado, ao passo que 25 só ofertavam a licenciatura, e 24 somente o bacharelado. Logo, temos um total de

58 cursos de licenciatura. Com um foco na Universidade de Pernambuco (UPE) e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) localizadas na região metropolitana do Recife será possível verificar como tem se dado alguns aspectos da profissionalização da docência em Sociologia, quem são e o que aspiram esses potenciais futuros profissionais da disciplina no ensino médio.

A fim de contribuir para a formação dos docentes e, com isso, melhorar a educação básica do país, foi criado, em 2010, a nível federal, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência, o Pibid. Sua criação, por meio do Decreto Nº 7.219, teve como base a LDB. O programa é vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Ministério da Educação (MEC), e tem, além da finalidade já citada, vários objetivos que consistem, entre outros: valorizar e incentivar docentes e sua formação para o ensino na Escola Básica; inserir os licenciandos na cultura escolar; contribuir para a articulação entre teoria e prática; e incentivar escolas públicas de Educação Básica. O programa é vinculado a uma Instituição de Ensino Superior (IES), que, por sua vez, submete um projeto com, no mínimo, um coordenador de área, cinco estudantes de licenciatura e um professor supervisor da escola de Ensino Médio em que o estudante vai atuar.

2. UFPE E UPE

A partir dos sites da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e da Universidade de Pernambuco (UPE), bem como com o contato com discentes e professores do curso, ficou claro que o Pibid de Ciências Sociais da UFPE possui um total de 30 bolsistas divididos em dois grupos iguais que atuam em duas escolas, cada grupo coordenado por uma professora diferente, das quais, uma foi entrevistada. Enquanto que na Universidade de Pernambuco (UPE) são 10 bolsistas não subdivididos em grupos e coordenados por apenas uma professora todos atuantes em uma única escola. A partir dos dados do INEP de 2015 foi possível observar que o total de alunos do curso de Ciências Sociais da UPE é de 87, porém apenas 69 estão cursando, sendo 18 evadidos. Uma vez que analisados a partir do sexo, percebe-se que do total, a maioria é do sexo feminino contabilizando 57 alunas, ou seja, 65,52%, logo, o sexo masculino com 30 alunos possuem 34,48% dos alunos do curso. Com relação às cotas, dos 87, 36 são cotistas, correspondendo a 41,38% dos estudantes.

2.1 Percepção do curso

Uma das dificuldades ressaltadas pela literatura, na formação docente é a articulação entre teoria e prática, bem como uma inserção do estudante na sua área de formação. Uma das finalidades do Pibid é de contribuir com a formação inicial do docente e, com isso, melhorar o ensino na Educação Básica, com profissionais atuando na sua área de formação. Para compreender o contexto desse programa no âmbito das Ciências Sociais da UFPE e UPE, diversos “pibidianos” (forma como os estudantes de licenciatura vinculados ao Pibid são chamados) foram contatados.

Nos contatos com os pibidianos foi possível observar que um dos diferenciais do Programa é o tempo em que o estudante permanece envolvido, pois ao ingressar no Pibid ainda no início do curso o estudante pode continuar até concluir sua formação. Com isso, a experiência do futuro docente se inicia muito mais cedo do que ocorreria normalmente com a disciplina de Estágio Supervisionado, que consta na grade curricular do curso, pois esse só se dá do meio para o final deste. A maioria dos entrevistados teve o primeiro contato com a docência com o programa e já chegaram ao estágio com uma base. Ao se entrar em contato com o cotidiano de um professor de Sociologia do Ensino Médio logo no começo do curso é possível que o estudante conheça e reflita acerca de suas aspirações profissionais, pois muitos entram no curso de licenciatura sem ter a certeza se quer realmente lecionar.

Os pibidianos entrevistados foram questionados se o curso de licenciatura de Ciências Sociais preparava para a docência no Ensino Médio e a resposta foi unânime na UFPE: todos afirmaram que o curso não prepara para a docência, por diversos motivos. A justificativa que mais apareceu na fala dos entrevistados da UFPE foi a “defasagem” do curso, por focar na área acadêmica e não na prática do docente, o que foi ressaltado em trechos como:

[...] o curso de licenciatura é visto como um bacharelado enfraquecido [...] Eu não vejo, de fato, ter me ajudado, depois de já estar terminando o curso, ter me ajudado a encarar a sala de aula, os desafios da sala de aula. Porque aqui é muita teoria e pouca empiria. Teoricamente é tudo muito perfeito, sei que vou encontrar alunos e que vou ter que chegar lá, ter um plano de aula, um plano de ensino e vou dar aula, mas você vai lidar com pessoas, você vai lidar com pessoas que têm dificuldade de interpretação, com pessoas que têm dificuldade de leitura, às

vezes com pessoas semianalfabetas dentro do ensino médio da escola pública... (Pibidiana 3 - UFPE)

Além da defasagem, outro ponto muito criticado durante as entrevistas da UFPE, inclusive por uma das coordenadoras do Pibid, foi a falta de articulação entre as disciplinas do Centro de Educação (CE) e do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), como observado na fala da professora-coordenadora e de dois pibidianos entrevistados. Perguntados se a Licenciatura prepara para a docência no Ensino Médio, obtivemos respostas recorrentes afirmando a desarticulação, por exemplo:

Acho que há um problema estrutural. As disciplinas aqui [CFCH] não têm comunicação com as disciplinas no CE. A partir da observação dos estudantes que eu acompanho, seja no Nupeso [Núcleo de Pesquisa e Ensino de Sociologia], seja no Pibid, há essa queixa de ausência completa de articulação que muitas vezes as disciplinas de Educação, lá, elas não têm um foco relacionado à formação de ciências sociais. Então, isso fica complicado. Para mim, essa é a grande lacuna do curso. (Coordenadora 2 - UFPE)

Não [prepara] porque as disciplinas do Centro de Educação são desarticuladas do ponto de vista burocrático, do ponto de vista da organização, das disciplinas específicas de ciências sociais, então os departamentos só conversam pra definir quantos alunos precisam pra a cadeira e quantas vagas vão abrir. Coisas muito superficiais e práticas. (Pibidiano 7- UFPE)

Porém, na UPE, a Pibidiana 1 afirma que o curso prepara para docência uma vez que toda sua grade curricular interliga conteúdos da área de educação com a de ciências sociais, contando ainda com a docência de professores universitários que também atuam no ensino básico. Outra diferença entre os cursos é que na UFPE segundo ressaltado pelos entrevistados, encontra uma desvalorização da licenciatura em detrimento do bacharelado, na UPE não é possível obter tal dado visto que não possui bacharelado e está no começo do curso. Como exposto no trecho:

“Acho que sim [prepara], inclusive quando a gente conversa com os professores, que a maioria também é professor da federal, a gente vê que tem uma preocupação maior no sentido da preparação docente específica para as Ciências Sociais. Aqui a gente tem as cadeiras de educação voltadas para as Ciências Sociais, é bem mais específico. A gente percebe que a preparação pra docência é melhor, nesse sentido. A gente percebe que tem esse privilégio.” [Pibidiana 1 – UPE]

Além de possuir uma melhor preparação para docência no sentido de ter professores da universidade que atuam na docência do ensino médio, também há a articulação entre disciplinas das ciências sociais e da educação. Ressalta-se que essa articulação é feita em grande parte pelo “PEPE”, como afirmado na fala:

“A gente tem a PEPE que é interdisciplinar que é “Projeto de Ensino Pesquisa e Extensão” é uma disciplina que a gente tem do 1º até o 6º período e também articula muito todas as outras disciplinas. É uma disciplina obrigatória. No primeiro período aprende o que é o tripé da universidade, o ensino, pesquisa e extensão. No segundo, começa a montar um projeto de pesquisa articulado com as outras disciplinas, no terceiro, aplica esse projeto. No quarto, cria um projeto de extensão, no quinto aplica o projeto de extensão e no sexto é o último, faz um relatório final com todas as experiências, isso faz com que todas as outras disciplinas conversem muito.” (Pibidiana 1 – UPE).

Essa problemática da articulação, encontrada na UFPE, das disciplinas entre si e dessas com a prática é discutida por Tardif (2014), o qual afirma que por se tratar de um curso baseado em disciplinas separadas sem a valorização e inserção do saber do professor de profissão, o saber-fazer, torna-se um curso mais disciplinar do que de formação para a prática docente. Tal fator juntamente com a priorização do estudo da teoria para posteriormente a “aplicação” desta, como colocado por Handfas (2012), faz com que a disciplina de Estágio Supervisionado, que corresponde à carga horária prática do curso, seja criticada por alguns alunos. Isso fica evidente nas respostas dadas quando indagados se o Estágio Supervisionado tem carga horária prática suficiente. É relevante também observar a relação complementar que é exposta quando se coloca vis-à-vis o Estágio Supervisionado e o Pibid :

O primeiro estágio supervisionado me frustrou de uma forma que eu cheguei a pensar ‘Será que é isso que eu quero para a minha vida? Será que eu quero viver frustrado?’ Na escola que eu estava quem dava aula era um professor de geografia. Ele dizia ‘Eu não gosto nem de dar aula de geografia, quanto mais de sociologia?’ Ele dizia isso abertamente, eu ficava tipo ‘pô, eu gosto, eu penso isso para o meu futuro.’ (Pibidiano 2 - UFPE)

Não sei, porque eu tive facilidade pelo Pibid, porque o trabalho que eu fiz no Pibid serviu para o estágio 4, porque eu tava em contato direto com a escola né? Isso facilitou muito para o estágio. Mas o 1 e 2, como eu estava fora do Pibid, ficaram um pouco comprometidos. Não tinha essa percepção. Não tinha

uma visão tão ampliada como eu tive com o Pibid. Porque, de fato, Ele [Pibid] inseriu leituras de transposição didática, Tardif, Bachelard, por aí vai... Ensino e aprendizagem [...] Eu estou percebendo agora que o Pibid, junto com os estágios 1, 2, 3 e 4 é uma perfeita combinação. Não um defeito, se ficar sem o Pibid torna-se um defeito, sabe? Fica comprometido. (Pibidiano 5 - UFPE)

Alguns entrevistados afirmaram que as quatro cadeiras de estágio são suficientes, porém com críticas a forma em que é conduzido, voltando à questão da desarticulação entre os departamentos, conseqüentemente, dos conteúdos. Já na UPE por ser percebido como um curso mais articulado, a questão posta foi em relação ao apoio institucional que se possui na escola no âmbito do Pibid bem como a possibilidade de se manter no curso com a bolsa. Porém, outros apontaram a necessidade de antecipação dessa prática, como a Pibidiana 3 e o Pibidiano 8, também da UFPE, colocando que o problema do estágio estaria no momento em que é inserido dentro do curso. Essa prática mais tardia está inteiramente ligada aos resquícios do antigo modelo de formação já citado por Handfas (2012). Essa autora também cita a desvalorização da licenciatura em face ao bacharelado, tema que apareceu igualmente ao longo das entrevistas na UFPE, instituição que possui os dois cursos, como pode ser observado nesse trecho:

O curso de licenciatura é visto como um bacharelado enfraquecido, então a gente já começa perdendo por aí muitas coisas do curso de ciências sociais... O curso da gente além de ser um bacharelado enfraquecido, é uma licenciatura com enfoque em sociologia, é uma pedagogia com enfoque em sociologia, a gente tem muito mais cadeiras de educação do que da própria sociologia. O curso ele não te dá o aporte necessário (Pibidiana 3 - UFPE)

3. Aspirações dos “pibidianos”

De maneira geral as aspirações dos estudantes de licenciatura convergiram. Dos 10 entrevistados da UFPE, sete entraram com intuito de ser professor enquanto que dos três restantes, dois decidiram ser professores de Sociologia ao longo do curso, decisão muito influenciada pelo Pibid. Apenas um dos entrevistados afirmou não aspirar à carreira. As duas pibidianas que mudaram sua intenção, ao longo do curso, afirmaram que o Pibid teve papel crucial nessa decisão, como pode ser observado nos trechos:

Quando entrei na universidade não tinha pretensão nenhuma de ser professora. Primeiro, eu não sabia a diferenciação entre bacharelado e licenciatura. Eu só escolhi porque fui ver a grade curricular e vi que o quantitativo de cadeiras da grade era muito maior em licenciatura. Aí, fiz: 'ah, se é maior, vou fazer esse que é maior [mais completo]'. [...] Com o passar do tempo, com as cadeiras, eu fui sendo mordida pelo 'bichinho da docência'. Então o PIBID me deu outro panorama que eu não tinha. Com o passar do tempo descobri que era a licenciatura: 'estou no lugar certo'. Hoje, eu escolhi de fato. Posso dizer com certeza, escolhi de fato. É o que eu quero. Gosto, sim, de ser professora [...] Mas a pretensão é... Me chamam de louca, mas não tenho pretensão nenhuma em ser professora universitária, nenhuma, nenhuma. Eu vou fazer mestrado, doutorado, mas eu quero ensinar no ensino médio. Minha pretensão é ensino médio porque eu amei dar aula no ensino médio e acho que meu lugar não é no ensino superior, meu negócio é ensino médio, estudante, adolescente. (Pibidiana 3 - UFPE)

Mesmo estudantes que já tinham a pretensão de lecionar no Ensino Médio afirmaram que o programa possibilitou a continuidade ou reforçou o plano de ser docente do Ensino Médio. Em outras palavras, observa-se a reafirmação de um dos objetivos do Pibid, isto é, o de "valorizar e incentivar docentes e sua formação para o ensino na Escola Básica".

Quando os licenciandos são questionados sobre a influência do Estágio Supervisionado na aspiração de serem professores de Sociologia muitos o colocam em lugar bastante diferente quando comparado ao Pibid. Ou seja, afirmam que o Estágio Supervisionado os frustrou e os fez repensar a possível carreira. As posições no âmbito da UFPE variam daqueles que afirmam que o Estágio Supervisionado só funciona junto com Pibid e aqueles para quem o Estágio Supervisionado não influencia na decisão de ser docente, pelos problemas estruturais identificados, como não ter orientadores com algum tipo de experiência na área. Abaixo, podemos observar alguns posicionamentos a respeito:

[O Pibid] Reforçou ainda mais. No caso do estágio, teve o efeito inverso, eu passei a desconfiar, se realmente... Poxa, será que é isso que eu quero pra mim? Entende? Só que por sorte eu já tinha tido a experiência do PIBID, então fiz: 'não, é uma questão de gerência aqui.'. Se fosse pelo estágio... [não seria]. (Pibidiano 1 - UFPE)

Os alunos que pretendem seguir a carreira de professor do Ensino Médio aspiram à escola pública como ambiente de trabalho, por diversos

motivos, entre eles, porque identificam uma maior liberdade no conteúdo que é dado e por uma questão mais ideológica, às vezes de resposta à sua realidade social. Isso pode ser percebido a partir dessas falas:

Depois que eu acabar o mestrado, e se não conseguir entrar no doutorado, quero muito dar aula, me dedicar uns 5 anos no estado, porque, enfim, eu sou oriundo de periferia e, para mim, retornar para periferia faz parte do meu trabalho, faz parte do que anseio. (Pibidiano 2 - UFPE)

Eu quero ensino médio público [...]. Preferencialmente escola pública. Não penso em nenhum momento em escola particular. A ideia é ir para a escola pública, de fato, com as ferramentas que eu vi que o mestrado e o doutorado dão, a habilidade de um professor formado em doutorado e mestrado com os alunos. Então, eu quero que os alunos de escola pública também tenham isso, de ter uma professora doutora com formação em Ciências Sociais para eles terem essa preparação. [...] A vontade de ir para a escola pública também veio do Pibid. Embora seja chamada de louca, mas, sim... (Pibidiana 3 - UFPE)

Isso demonstra que outro objetivo do Pibid tende a ser alcançado, visto que o programa foi feito para a valorização do Ensino Básico público e a formação qualificada de seus professores. O que dificulta a chegada desse profissional na escola é a forma de entrada, pois não há concursos para o docente formado em Ciências Sociais, o que faz com que graduandos de outras áreas ocupem espaços desses licenciados.

4. O pibid

O programa é visto como muito positivo por todos os entrevistados por representar um modo de formação eficiente que se propõe a preencher as lacunas do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais e uma experiência com a docência não posta durante o curso. Ao serem questionados sobre o motivo da entrada no Pibid os bolsistas citaram, na maior parte das vezes, a experiência na docência como fator principal e a bolsa como algo que possibilitaria o trabalho e a valorização deste. A bolsa se mostrou bastante importante, pois viabiliza a manutenção do estudante no curso universitário. Percebe-se isso nas falas dos entrevistados:

Têm as condições materiais do PIBID, porque ele dá uma bolsa. Então, eu posso pagar a passagem, eu posso pagar xerox, eu posso pagar... Isso induz também a gente a se manter no curso, por duas razões: por essa questão material, da bolsa. [...] Outra coisa é que se consegue ver a prática

daquilo a que se propôs a fazer quando escolheu o curso, inclusive. E muitos colegas meus que disseram que não queriam ser professor, quando entraram no curso, passou a querer, quando entrou no PIBID. Porque você está vendo a realidade da escola, você está vendo a coisa acontecer. E outra, você passa a querer estudar mais, faz sentido estudar e ir para o assunto, porque eu estou vendo como acontece. (Pibidiano 1 - UFPE)

Na entrevista de uma das coordenadoras de um dos grupos de pibidianos da UFPE surgiu uma questão importante e atual. Foi apontado que, com a possibilidade do fim do Programa e, com isso, das bolsas, vários licenciandos a procuraram para pedir a permanência dessas atividades ainda que sem o pagamento de bolsa. Como pode ser visto na fala:

[...] um dado interessante é que o Pibid estava praticamente morrendo por 'inanição'. Então, muitos disseram que iam continuar independente da bolsa. Pediram para continuar o projeto, inclusive pediram para registrar o projeto como projeto de extensão. [Tem] Demanda muito grande de voluntários. Dentro das minhas condições estou acolhendo esses voluntários. Esse movimento para mim é muito interessante, mostra a persistência do projeto. Então eles estão vindo para o Programa de forma voluntária e à medida que as vagas vão abrindo, e há possibilidade de realocar, eu coloco eles. (Coordenadora 1 - UFPE)

A fala da coordenadora corrobora a visão exposta de pibidianos já citadas, quer dizer, da importância do Pibid para manter o licenciando no curso, não apenas pela bolsa como também pela experiência docente:

Eu vejo o Pibid como espaço de socialização profissional, porque o estudante está conseguindo o que o curso de licenciatura não consegue dar. Muitos estudantes dizem para mim: 'o que tem me segurando no curso, professora, é o Pibid'. E eu pergunto 'por quê?' E eles dizem: 'porque é com o Pibid que a gente articula o conhecimento pedagógico e sociológico com o espaço profissional'. Além dessa articulação, porque a agente tem quatro horas de estudo aqui e quatro horas de observação e trabalho nas escolas. Há também uma vivência do que é ser professor numa escola. Eu vejo os olhos dos estudantes brilharem [...] (Coordenadora 1 - UFPE)

É possível perceber que o Programa procura contribuir com a solução do problema, já citado, da articulação entre o que é visto sobre educação e as disciplinas teóricas das Ciências Sociais. Essa interligação é feita a partir das reuniões do grupo em consonância com as observações e intervenções feitas na escola. Pibidianos relataram a importância desse aspecto para sua formação e seu interesse no curso, como pode ser visto:

Você estudava transposição didática e ia para sala para fazer uma etnografia da prática da transposição didática em sala de aula, por exemplo. Ou seja, eu via aquele conteúdo que eu li e discuti ganhando vida e forma na sala de aula e depois ia também fazer eu mesmo um planejamento. Aliás, eu lia teoria, ia para a sala de aula fazer observação, depois analisava esses dados com a professora. Depois, ia para o campo novamente, agora para fazer junto com o professor, participar do planejamento da sala de aula. Aí, via como ele ia executar esse planejamento do qual eu participei. No outro momento, tinha isso novamente e eu ia fazer o planejamento para fazer minha intervenção, ou seja... E outra, começou a ganhar sentido teoria sociológica, começou a ganhar sentido Bourdieu, começou a ganhar sentido Marx, tudo, porque eu via a coisa em sala de aula (Pibidiano 1 - UFPE)

Como já observado na bibliografia, a importância do Pibid na formação do licenciando dialoga com a formação de um professor reflexivo, de um saber que parte da prática, que é influenciado pelo saber-fazer do professor de profissão e não se resume a uma prática reproduzida, a um “boneco de ventríloquo” (Tardif, 2014). As reuniões constantes e, durante o período de atuação na escola, possibilitam que os alunos compartilhem experiências e reflitam sobre elas a partir de textos discutidos, colocando-se, assim, como produtor de conhecimento. Alguns entrevistados enalteceram essa reflexividade que o Pibid permite, como pode ser observado nessas falas:

[...] a pesquisa andou *pari passu* com a discussão teórica e com a prática, então isso foi o diferencial, porque instiga você, provê a gente de autonomia intelectual, de reflexividade em sala de aula. Isso é o diferencial que tem que ser registrado do Pibid. [...] É um mérito que eu não vejo em outros programas, por exemplo. (Pibidiano 1 - UFPE)

[...] através do Pibid eu tive essa reflexão de como fazer a transposição didática, como envolver os alunos. Hoje, eu posso dizer que todos os alunos parabenizam, participam, gostam. E eu não teria toda essa reflexão se não fosse o Pibid. Então, hoje, se eu entrar em qualquer sala de aula depois de formado vou saber como atingir os alunos. O Pibid me deu essas ferramentas de construção conceitual. (Pibidiano 9 - UFPE)

Mesmo muito elogiado é possível identificar desafios colocados para o Pibid e os pibidianos em sua prática. O mais citado pelos estudantes da UFPE foi a fragilidade do Programa, que pode ser encerrado a qualquer momento. Desde o ano passado, por exemplo, a quantidade de bolsas foi congelada, gerando uma incerteza para bolsistas e professores quanto à sua continuidade. Ao serem questionados sobre o quê poderia mudar, muitos licenciandos

defenderam a criação de algum mecanismo que garantisse a continuidade, seja a votação de um projeto de lei, no plano externo, ou o seu registro como um projeto de extensão, no âmbito da UFPE. Além disso, outros colocaram que deveria haver um tipo de supervisão junto aos orientadores dos grupos, uma vez que esses não passam por nenhum tipo de avaliação para possíveis correções, como também seria necessário um estreitamento de relações com a escola que vai receber esses bolsistas. Foi posta como uma das falhas do Programa a quantidade de vagas, uma vez que seria necessário elas abrangerem todos os estudantes do Curso. Com essa seleção é possível que se privilegie uns, enquanto outros não têm tal qualificação na formação.

A fim de compreender um pouco mais sobre a percepção de outros atores acerca do Pibid, foi perguntado para uma ex-coordenadora do curso de Ciências Sociais da UFPE sobre a ajuda do Programa na articulação entre teoria e prática, já que é um problema salientado na literatura, a qual afirma haver certa “lacuna” na formação dos docentes e na legislação do Programa. Para ela:

[O Pibid] Ajuda exatamente por isso, porque eles vão ter uma [experiência]. Além do mais, eles [os pibidianos] ajudam também as próprias escolas, não só ajuda na formação deles, isso faz com que as escolas fiquem mais preparadas para ensinar Sociologia. Então, você sabe que são poucos professores qualificados para ensinar Sociologia. Eu participei de um curso de extensão para professores do Ensino Médio do estado de Pernambuco que dava aula de Sociologia. Aí, [os cursistas] vinham de Informática, de Filosofia, de Letras, de tudo que é área que você pode imaginar. A carga horária... Um dia para a Sociologia, aí a gente foi dar um curso para treinar esses professores. Então, veja, [com o Pibid] você está levando os alunos junto com o professor para atuar na prática do ensino da Sociologia nas escolas. Isso tem um efeito multiplicador, não é só na formação do aluno, mas a própria escola que está sendo *melhor* preparada. Preparando os professores, os alunos, para mostrar a importância da sociologia. Fazendo atividades fora da escola, inclusive com alunos, de pesquisa, fazendo os alunos, com ações... Da escola, então, os projetos são bem interessantes, nesse sentido. (Coordenadora 2 - UFPE)

A fala da entrevistada corrobora tanto com a literatura, ao afirmar que o Pibid ajuda na articulação entre teoria e prática, como propõe o Programa, e também com os dados citados anteriormente referentes à grande quantidade

de professores de Sociologia no Ensino Médio vindos de uma formação universitária diferente das Ciências Sociais. A entrevista, mesmo feita com um ator que não fazia parte do universo inicialmente pretendido pela pesquisa, foi muito elucidativa quanto à percepção de alguém que estava presente quando o Pibid foi inserido na UFPE e acompanha a formação dos licenciandos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados produzidos nessa pesquisa foi possível compreender a dimensão e importância do Programa Institucional de Iniciação a Docência (Pibid) na formação do futuro docente de Sociologia. Ter acesso a relatos dos bolsistas levou a entender, a partir da percepção deles, os aspectos que o Pibid influencia em seu curso, na formação, auxiliando na articulação entre temáticas e práticas próprias da Educação e teorias das Ciências Sociais, preenchendo uma lacuna do currículo do Curso bem como os motivando a continuar no curso. Assim como sua influência, em alguns casos, nas aspirações dos estudantes, que passam a reforçar sua pretensão de ser professor do Ensino Médio, se já pensavam nisso, ou passam a querer exercer a profissão, se ainda não o queriam. Principalmente por cumprir com diversos dos seus objetivos preconizados pelo Programa, como a valorização e incentivo da docência no Ensino Básico, visto que, dos entrevistados, apenas um não pretende lecionar. Além disso, observou-se que todos que pretendem seguir a carreira, têm preferência pela escola pública, tendo como desafio a quase inexistência de concurso público na área.

Finalmente, com esse trabalho pretende-se fomentar mais debates acerca do ensino da Sociologia e buscar fortalecer a defesa da continuidade do Pibid, bem como a valorização do futuro docente dessa área.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Francisca Rosânia Ferreira de. Desafios da articulação entre teoria e prática docente da disciplina de Sociologia no Ensino Médio. Revista Percursos, Vol. 13, Nº 1. 2012.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2010.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Ministério da Educação, 1996.

_____. Decreto 7.219. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID e dá outras providências. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/decreto/d7219.htm. Acesso em: 18 fev 2016

_____. Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

GONÇALVES, Danyelle Nillin. LIMA FILHO, Irapuan Peixoto. Aprendendo pela pesquisa e pelo ensino: O Pibid no processo formativo das licenciaturas em Ciências Sociais. *Revista Brasileira de Sociologia*. Vol 2, Nº 3, 2014.

HANDFAS, Anita; MAÇAIRA, Julia Polessa (orgs.). *Dilemas e Perspectivas da Sociologia na Educação Básica*. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

MEUCCI, Simone. *Institucionalização da Sociologia no Brasil*. São Paulo: Editora Hucitec, 2011.

_____. *Artesania da Sociologia no Brasil*. Curitiba: Editora Appris, 2015

NEVES, Ana Beatriz Maia; MELO, Camila. “Professor regente e licenciandos no estágio supervisionado da prática de ensino: quem aprende com quem?”. *In: HANDFAS, Anita; MAÇAIRA, Julia Polessa (orgs.). Dilemas e Perspectivas da Sociologia na Educação Básica*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2012.

OLIVEIRA, Amurabi. BARBOSA, Vilma Soares Lima. *FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM CIÊNCIAS SOCIAIS: desafios e possibilidades a partir do Estágio e do PIBID*. *Revista Eletrônica Inter-Legere*. Nº 13, 2013.

OLIVEIRA, Dijaci David de; RABELO, Danilo; FREITAS, Revalino Antonio (orgs.). *Sociologia no Ensino Médio: experiências e desafios*. Goiânia: UFG / FUNAPE, 2011.

SANTOS, Mário Bispo do. *O Pibid na área de Ciências Sociais: condições epistemológicas e perspectivas sociológicas*. *Revista Brasileira de Sociologia*. Vol. 02, No 03. 2014.

TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. Petrópolis: Vozes, 2014.

ZARIAS, Alexandre. FUSCO, Wilson. FERREIRA, Fabiana. Quem são os professores de Sociologia do Ensino Médio no Brasil? Trabalho apresentado no 17º CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 2015, Porto Alegre.

ZARIAS, Alexandre; MONTEIRO, Allan; BARRETO, Túlio Velho. *Mestrado profissional em Ciências Sociais para o Ensino Médio: a experiência nos horizontes da formação continuada de professores*. *Revista Brasileira de Sociologia*. Vol. 02, Nº 3, 2014.